

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O MOVIMENTO DA NEURODIVERSIDADE: ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES NO INTERNATIONAL JOURNAL OF INCLUSIVE EDUCATION

André Luiz Corrêa de Brito¹

Andrea Soares Wuo²

Anastácio Sadzinski Junior³

Sheila Wayszceyk⁴

Este trabalho apresenta o resultado parcial de uma pesquisa sobre o movimento da neurodiversidade no contexto da educação inclusiva, realizada pelo Núcleo de Pesquisa em Autismo e Neurodiversidade (NUPAN) da Universidade Regional de Blumenau. Um dos objetivos do NUPAN é buscar novas compreensões do autismo além dos modelos biomédicos que rotulam o autismo como um problema cerebral e sustentam uma cura.

O termo neurodiversidade surgiu no final da década de 1990 e ganhou força com publicações da socióloga e defensora dos direitos dos autistas Judy Singer. O termo neurodiversidade passou a significar “variação no funcionamento neurocognitivo”, um conceito que abrange pessoas neurodivergentes (aquelas com condições neurocognitivas significativamente diferentes de uma faixa 'normal') e pessoas neurotípicas (aquelas com condições neurocognitivas dentro de uma faixa socialmente aceitável). Com o passar do tempo o termo amadureceu e tornou-se um movimento ativo na garantia de direitos de pessoas neurodivergentes, aplicando uma abordagem que valoriza o espectro total das diferenças e defende os direitos como inclusão e autonomia (KAPP, 2020, p. 2).

O movimento da neurodiversidade tem como estrutura uma abordagem integrativa, com base em elementos psicossociais, culturais e políticos que efetivamente rompem a categorização sistemática de modalidades neurológicas e cognitivas consideradas distúrbios que devem ser “tratados, curados e treinados em intervenções comportamentais implementadas em sala de

¹ Universidade Regional de Blumenau. alcbrito@furb.br.

² Universidade Regional de Blumenau. awuo@furb.br.

³ Universidade Regional de Blumenau. anastacios@furb.br

⁴ Universidade Regional de Blumenau. sheilaw@furb.br

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO
UFPA

PARCERIA



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

Programa de
Pós-Graduação
em Educação



UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ



ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DE SANTA CATARINA

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



aula”. Ao refletir sobre as experiências vividas pelos autistas, oferece uma possibilidade de representar e incorporar as diferenças neurológicas além dos discursos e práticas tradicionais da educação especial (ACEVEDO; NUSBAUM, 2020, p. 12).

O objetivo deste trabalho realizado pelo NUPAN foi investigar como o movimento da neurodiversidade está sendo dialogado no contexto da educação inclusiva a partir de publicações nacionais e internacionais. Nesta etapa, apresentamos os resultados da pesquisa bibliográfica no *International Journal of Inclusive Education*. A revista é uma referência no diálogo internacional e multidisciplinar sobre educação inclusiva para educadores e gestores de políticas educacionais que se preocupam com a estrutura e natureza das escolas de educação básica, cursos técnicos e universidades.

Utilizamos como descritores as palavras “*neurodiversity*” AND “*education*” AND “*autism*”. Selecionamos como filtro “*Anywhere*” e não delimitamos período de publicação. O resultado inicial da pesquisa apresentou 12 artigos sobre o tema. Após a leitura do título e dos resumos, 5 artigos foram eliminados, por não abordarem o tema da pesquisa. A quadro 1 apresenta os artigos selecionados, o ano de publicação, os autores e o país de origem.

Quadro 1 – Artigos selecionados sobre neurodiversidade e educação inclusiva

ANO	AUTOR (ES)	TÍTULO	PAÍS
2019	DOUGLAS, et al.	Re-storying autism: a body becoming disability studies in education approach	Canadá
2018	ROSQVIST.	Knowing what to do: exploring meanings of development and peer support aimed at people with autism	Suécia
2015	LILLEY	Trading places: Autism Inclusion Disorder and school change	Austrália
2011	CONNOR	Kiss my Asperger's: turning the tables of knowledge	Estados Unidos da América
2008	BRODERICK; NE'EMAN.	Autism as metaphor: narrative and counter-narrative	Estados Unidos da América

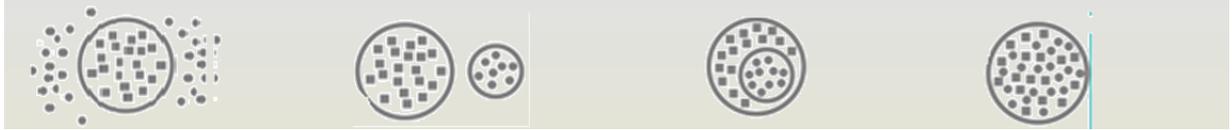
Fonte: os autores (2021).

O trabalho de Douglas et al. (2019) apresenta o resultado de um projeto para elaboração de curta metragem em primeira pessoa, com foco em narrativa de experiência sobre autismo, educação e inclusão. No texto, os autores apresentam seu posicionamento contrário ao modelo biomédico e lançam a produção multimídia como uma possibilidade potencial para que a



I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



sociedade entenda o autismo e todos aqueles que não se enquadram em uma educação convencional. Os filmes produzidos pelo projeto apresentam uma visão crítica da educação especial e terapias comportamentais, bem como aos regimes corretivos e oferecem histórias sobre o autismo, família e relacionamentos contrários a esse sistema.

O embasamento teórico do projeto abrange o paradigma da neurodiversidade e a filosofia feminista do corpo. Pois, ao abordar os “corpos problemáticos que precisam ser consertados, abre-se novas possibilidades reflexivas para a prática inclusiva, colocando em primeiro plano os entendimentos relacionais de maneira diferente do que hoje são” e transformando as atuais desigualdades. O artigo discute também a teoria do devir do corpo, onde o desenvolvimento da teoria sobre o autismo ressoa perspectivas do papel da biologia e da sociedade, genes e meio ambiente, tratamento e remediação. Portanto, o devir do corpo postula que o eu e o mundo se materializam nas interações e, portanto, não possuem essência ou natureza anterior que pode ser descoberta antes dessas relações do eu corporal e o mundo da mesma forma que as teorias convencionais do desenvolvimento presumem (RICE, 2018, p. 54).

O artigo de Rosqvist (2018) apresenta uma proposta sobre intervenções de apoio com pares autistas funcionais como possibilidade de participação de pessoas autistas com baixo funcionamento em ambientes dominados por pessoas neurotípicas. O estudo analisou informações fornecidas por autistas que percebem que intervenções com pares como uma possibilidade de desenvolvimento por meio de experiências. Para os participantes da pesquisa, ter um assistente durante a educação básica, resulta em uma dependência excessiva e aumenta a sensação de que as dificuldades significativas não serão superadas e deve-se acostumar-se com elas, nunca sendo desafiado e forçado a aprender ou ter experiências, o que pode acarretar um risco para o prolongamento da fase de desenvolvimento infantil. Os participantes da pesquisa comentam que é necessário desenvolver estratégias e habilidades que são importantes para uma forma mais independente da vida, ou seja, formas alternativas de desenvolvimento dos autistas, estratégias baseadas nos autistas funcionais.

O trabalho apresenta outras pesquisas que exploram o apoio de pares autistas como uma forma de fortalecer o autoconhecimento e o sentido de identidade através da valorização das diferenças autistas. O autor ressalta que estes espaços para explorar novas formas de funcionamento do autista devem ocorrer em ambientes com outros neurodiversos, para evitar o risco de se tornarem uma ilha isolada. O estudo defende o apoio formal e informal dos pares

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



autistas e não autistas, mas visando sempre o desenvolvimento nos termos dos autistas e informando que este desenvolvimento é diferente do neurotípico em vez de patológico. Ou seja, uma forma de aprendizagem baseada em experiências pessoais de ambos, evitando a criação de barreiras e o desenvolvimento de comportamentos dependentes, elaborando objetivos que envolvam conhecer a própria capacidade e valorizar suas forças e interesses, mas conhecendo suas dificuldades e incluir estratégias que administrem essas dificuldades sem esforço e reduzindo a sensação de fracasso.

A pesquisa de Lilley (2015) analisa o discurso de mães de crianças autistas que tiveram que mudar de escola e lutam para ocorrer uma educação inclusiva eficaz, bem como o sofrimento causado pelo fracasso escolar sistêmico. A autora faz uma reflexão sobre a participação de crianças autistas em salas de ensino regular somente se atenderem ao desempenho acadêmico semelhante aos dos neurotípicos, bem como sobre as escolas de educação especial e as classes de apoio, utilizadas para excluir as crianças consideradas problemáticas, difíceis ou deficientes.

No texto a autora utiliza o termo “deficiência escolar” que produz formas contínuas de exclusão educacional e que estão baseadas nas descrições clínicas do autismo. A autora utiliza a paródia como recurso para análise do discurso, focando nos déficits institucionais, remediando os padrões de separação e segregação, mostrando que é a escola que precisa mudar e não o aluno para alcançar uma educação inclusiva. Nos diversos discursos analisados, a pesquisa apontou que as famílias buscavam assistência de terapeutas especializados para remediar conflitos entre educadores e gestores da educação, enfatizando a agilidade entre os serviços de garantia de direitos e terapeutas para auxiliar as escolas numa visão sobre o paradigma da neurodiversidade no espaço escolar.

O trabalho de Connor (2011) utiliza uma investigação multimétodo para realizar uma crítica ao modelo biomédico de diagnóstico da Síndrome de Asperger e outras deficiências relacionadas, oferecer interpretações sobre a compreensão de indivíduos com a Síndrome em contextos sociais, culturais, históricos e pessoais, bem como discutir a necessidade das escolas e universidades se tornem mais receptivas ao paradigma da neurodiversidade.

O autor cita o artigo de Jurecic (2007) que discute o desenvolvimento de pedagogias para alunos que podem ter dificuldades no ensino regular, incluindo o equilíbrio de uma abordagem tradicional revisitada com teorias construtivistas. Outro trabalho utilizado pelo autor é a

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO
UFFS

PARCERIA

Curso de
Pedagogia



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

Programa de
Pós-Graduação
em Educação



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ



AMOSC

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



pesquisa de Griffin e Pollak (2009) que apresentam as observações de alunos Asperger sobre sua identidade, onde todos se veem como neurodiversos, mas com duas visões: (a) grupo com uma visão de pontos fortes e fracos que não interferem na sua estima acadêmica ou ambição profissional; (b) grupo com uma visão de uma doença com desvantagens médicas.

O autor comenta que uma preocupação imediata é desenvolver formas em que as instituições educacionais, da educação infantil ao ensino superior, compreendam melhor e desenvolvam mecanismos de apoio aos alunos neurodiversos. As instituições devem pesquisar maneiras dos alunos neurodiversos possam ter melhores sucessos no panorama geral da escola regular, dando subsídios para o acesso à universidade com subsídios para as demandas sociais. A formação dos profissionais para compreender como alunos neurodiversos interpretam o mundo, o seu lugar nele e como administram suas rotinas diárias é uma das estratégias para que as instituições realizem uma educação inclusiva (CONNOR, 2011).

O artigo de Broderick e Ne'eman (2008) reflete sobre o significado de metáfora e das narrativas culturais que permeiam o discurso sobre o autismo relacionado aos atrasos no desenvolvimento. Os autores utilizam como base teórica os estudos de Susan Sontag, de 1978, sobre a doença como metáfora e os estudos de Foucault (1980) sobre os sistemas de poder que sustentam a verdade na prática discursiva.

Os autores fazem um contraponto sobre esse discurso do autismo com a narrativa do paradigma da neurodiversidade como possibilidade de atuar no processo de crítica cultural e resistência à ideologia hegemônica. Os autores argumentam que a metáfora do paradigma da neurodiversidade pode apoiar uma melhor mitigação ativa da deficiência, que é comumente experimentada pelos autistas como resultado de ignorância, desinformação e discriminação. Tal metáfora serve para apoiar os objetivos da educação inclusiva, gerando novas oportunidades educacionais, econômicas e políticas igualitárias para o cidadão autista.

Esta pesquisa bibliográfica sobre o movimento da neurodiversidade e a educação inclusiva mostrou que a reflexão crítica do autismo é recente e ainda continua escassa mesmo dentro de uma revista internacional sobre educação inclusiva. As etapas seguintes da pesquisa, buscam identificar se a temática em outros portais e revistas apresentam novas possibilidades de reflexão e podem contribuir para uma reflexão sobre a educação inclusiva no Brasil.

Apesar do número de produções identificadas (apenas cinco) ser pequeno, as análises desses trabalhos demonstram que se trata de um campo em construção que se articula com

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO
UFPA

PARCERIA

Curso de
Pedagogia



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

Programa de
Pós-Graduação
em Educação



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ



UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ



AMOSC
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DE SANTA CATARINA

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



diferentes facetas da educação, como estrutura administrativa, formação de professores, espaço de diálogo com os alunos e suas famílias, bem como as políticas públicas de educação. Outro aspecto pertinente é a diversidade de metodologias utilizadas e a profundidade na análise teórica sobre o tema.

Palavras-chave: Neurodiversidade. Educação inclusiva. Autismo.

REFERÊNCIAS:

ACEVEDO, S. M.; NUSBAUM, E. A. **Autism, neurodiversity, and inclusive education.** Oxford Research Encyclopedia of Education, 2020. Disponível em:

<https://oxfordre.com/education/view/10.1093/acrefore/9780190264093.001.0001/acrefore-9780190264093-e-1260>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BRODERICK, Alicia A.; NE'EMAN, Ari. **Autism as metaphor: narrative and counter-narrative.** . International Journal of Inclusive Education, 2008. Disponível em: e: <http://dx.doi.org/10.1080/13603110802377490>. Acesso em: 08 mar. 2021.

CONNOR, David J. **Kiss my Asperger's: turning the tables of knowledge.** International Journal of Inclusive Education, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13603116.2011.605911> Acesso em: 02 mar. 2021.

DOUGLAS, P.; RICE, C.; RUNSWICK-COLE, K.; EASTON, A.; GIBSON, M. F.; GRUSON-WOOD, J.; KLAR; E.; SHIELDS, R. **Re-storying autism: a body becoming disability studies in education approach.** International Journal of Inclusive Education, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13603116.2018.1563835>. Acesso em: 11 mar. 2021.

KAPP, Steven K. **Autistic Community and the Neurodiversity Movement: Stories from the Frontline.** Singapura: Palgrave Macmillan, 2020.

LILLEY, Rozanna. **Trading places: Autism Inclusion Disorder and school change.** International Journal of Inclusive Education, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13603116.2014.935813>. Acesso em: 12 mar. 2021.

ROSQVIST, Hanna Bertilsdotter. **Knowing what to do: exploring meanings of development and peer support aimed at people with autism.** International Journal of Inclusive Education, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13603116.2018.1427807>. Acesso em: 08 fev. 2021.

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO
UFFS

PARCERIA

Curso de
Pedagogia



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

Programa de
Pós-Graduação
em Educação



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ



UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ
AMOSC